

# Brasília-DF



**DENISE ROTHENBURG (COM EDUARDA ESPOSITO)**  
deniserothenburg.df@dabr.com.br

## Causa estranheza

Os integrantes do União Brasil que se reúnem em Nova York não conseguem entender toda a proximidade e empolgação do presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União Brasil-AP), com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Há quem aposte que, se Alcolumbre não corrigir o curso, terá problemas numa reeleição para a Presidência da Casa, em 2026.

## É assim mesmo

A turma mais ligada a Alcolumbre garante que, enquanto o governo tratar o presidente do Senado bem, a reciprocidade está garantida. Eleição, Alcolumbre só discutirá em 2026. Se Lula se recuperar, o senador já está posicionado. Se não, as pontes com a centro-direita continuam firmes.

## Os anúncios de Casagrande

Em Nova York, o governador do Espírito Santo, Renato Casagrande (PSB), anunciou um fundo de descarbonização da ordem de R\$ 500 milhões para incentivar a transição energética. É algo inédito nesse campo. Os recursos são oriundos de outro fundo de investimentos do estado, abastecido pelos royalties do petróleo, que já chega a R\$ 2 bilhões. Vem aí também o InvestES para captação de recursos.

## Ficamos assim

Em conversas reservadas, o presidente do União Brasil, Antônio Rueda, tem dito que seu partido não ficará com Lula em 2026. A ordem é construir um projeto alternativo.

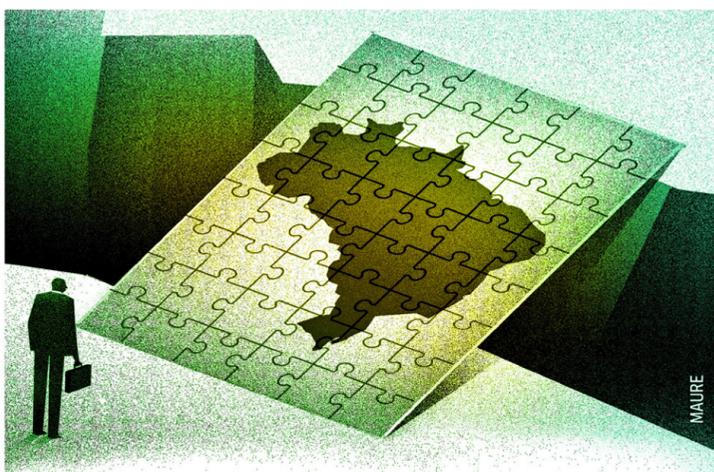
# Um projeto, alguns entraves e vários nomes

Os governadores pré-candidatos ao Palácio do Planalto ainda olham com certa desconfiança o plano do ex-presidente Michel Temer de montar um projeto de governo antes de pensar em nomes. Em conversas reservadas, muitos têm o receio de que seja uma armadilha para levar todos a fazer com que se aceite um nome que, mesmo sem ser o mais viável eleitoralmente, tenha a preferência dos presidentes dos partidos. Por isso, até que se sente para escrever esse projeto — ou que se desenhe a candidatura mais viável —, cada um vai andar pelo Brasil e pelo mundo para se apresentar e se tornar conhecido.

Ou seja: o plano de Temer não muda

a disposição dos pré-candidatos. Hoje, por exemplo, dois deles, os governadores de Goiás, Ronaldo Caiado (União Brasil), e do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite (PSD), têm uma prévia do discurso no 14º Lide Brazil Investment Forum, em Nova York, onde estão num périplo em busca de investimentos.

**E nas horas vagas.../** No jantar do Lide, no domingo, em Nova York, a proposta de Temer foi tema das rodas de conversa. E a maior dúvida foi o PL de Jair Bolsonaro. A aposta da maioria é de que o ex-presidente vai até o fim com sua candidatura. Porém, eles não descartam conversas. O momento é de todo mundo conversar com todo mundo e, lá na frente, afunilar.



## CURTIDAS

Instagram Ciro Nogueira



**Juntos e misturados/** Ao mesmo tempo em que pisca para o governo, a nova federação União Brasil-PP que passou a se chamar União Progressista, não deixa de fazer sua fezinha no PL de Bolsonaro. Em Nova York, os presidentes dos dois partidos, Antonio Rueda, do União, e Ciro Nogueira, do PP, aproveitaram o fim de semana para um encontro com Eduardo Bolsonaro e o secretário de Segurança de São Paulo, Guilherme Derrite (foto).

**Enquanto isso, na Park Avenue.../** O presidente do PSD do Distrito Federal, Paulo Octávio, recebeu o governador do Distrito Federal, Ibaneis Rocha (MDB), e políticos brasilienses que estavam em Nova York para um coquetel ao lado do ex-governador João Doria. Doria saiu da política, mas continua como uma ponte entre o setor produtivo e o Parlamento.

**No quintal de Lula/** O governador de Goiás, Ronaldo Caiado, volta para o Brasil amanhã e pretende passar o fim de semana no Nordeste. É a região em que todos os pré-candidatos ao Palácio do Planalto estão apostando para se tornarem mais conhecidos. Afinal, foi no Nordeste que o PT sempre obteve larga vantagem sobre os adversários. A ordem entre os candidatos de centro é tentar conquistar pelo menos uma parte desses eleitores.

## » Entrevista | EDUARDO LEITE | GOVERNADOR DO RIO GRANDE DO SUL

Recém-chegado ao PSD, ele defende uma convergência de centro para romper a polarização na corrida presidencial de 2026

# “Que projeto a gente tem de país?”

» DENISE ROTHENBURG  
Enviada Especial

**Nova York** — *Recém-filiado ao PSD, o governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite, não nega a vontade de construir um projeto nacional a partir da nova legenda. E, por ter ficado fora dos pólos na eleição passada, considera-se um dos mais capacitados para concorrer à Presidência da República. Porém, se houver outro nome com maior capacidade eleitoral, ele apoiará. Ele considera que é preciso ter um diálogo mais equilibrado entre os Poderes e um orçamento que caiba no bolso do brasileiro. E é isso que pretende levar adiante numa pré-campanha e que terá um ensaio, hoje, em seu discurso no 14º Lide Brazil Investment Forum, um dos eventos mais tradicionais da chamada “Brazilian week” em Nova York. A seguir, trechos da entrevista ao Correio.*

### Por que o senhor escolheu o PSD?

Tive 24 anos de filiação ao PSD, mas o contexto do cenário político eleitoral brasileiro impulsiona uma movimentação. E nos partidos políticos, tenho boa relação com dirigentes diversos, mas as condições que o PSD oferece... inclusive por ter recebido muitos tucanos. Percebo um ambiente no qual me sinto bastante confortável para discutir projetos e políticas públicas para o futuro do país.

### Quais são os próximos passos?

Está-se falando sobre a iniciativa do ex-presidente (Michel) Temer. Acho que tem um diálogo entre aqueles dispostos a cumprir

uma agenda para o Brasil, que tem de ser de reformas que deem ao país a capacidade de trazer o orçamento do tamanho da capacidade do povo de pagamento de impostos, que é o que está faltando até aqui. O país está desbalanceado.

### Isso precisa acalmar? Dizem que o Executivo não está tendo força para resolver...

O vácuo do próprio Executivo nas diversas crises que acometeram os governos nos anos recentes, desde Dilma (Rousséff) a (Jair) Bolsonaro, acabaram deixando o Executivo fragilizado nessa interlocução institucional. Isso precisa ser dialogado para construir uma ponte para um equilíbrio institucional melhor. Acho que se impõe a nós termos a capacidade de conversarmos para tentar oferecer uma alternativa para o país. A gente tem de criar essa alternativa para os eleitores brasileiros.

### A terceira via?

Do ponto de vista de posicionamento para o eleitor, é importante entender que algo alternativo a essa polarização não é sem sabor, nem sem cor e sem cheiro. É um terceiro polo. É sobre polarizarmos, inclusive, em relação a esses dois polos. Porque eles limitam as capacidades do país, num gasto de energia gigantesco enfrentando um ao outro, sem enfrentar os problemas.

### Vêm aí pelo menos duas federações. Uma, a União Brasil com o Progressistas. E outra, MDB e Republicanos. O PSD ficará como?

O que vejo no PSD é um

Maurício Tonetto/Secom/Governo do RS



**Para o eleitor, é importante entender que algo alternativo não é sem sabor, sem cor e sem cheiro. É um terceiro polo. É sobre polarizarmos, inclusive, em relação a esses dois polos. Porque eles limitam as capacidades do país”**

apetite, uma disposição pelas conversas que mantive não apenas com o presidente (do PSD, Gilberto) Kassab, mas, também, com outros líderes, para protagonizar uma eleição majoritária. Mas insisto que não é sobre identificar os nomes antes de buscarmos construir o projeto comum. Qual é o projeto que a gente tem de país? Quais são as agendas que vão ter que ser colocadas como prioridade entre todas?

### Então, é primeiro ver o projeto para, depois, definir o perfil?

Respeito muito o Tarcísio (Freitas, governador de São Paulo), assim como o Ratinho Jr. (governador do Paraná), como tenho boa relação com o Ronaldo Caiado (governador de Goiás) e com o Romeu Zema (governador de Minas Gerais). Mas, antes de definir quem de nós pode liderar um projeto, se é que há uma expectativa de construirmos conjuntamente, vamos nos

unir em torno de uma candidatura que vai defender o quê? E não apenas sobre o que vai ser feito, mas, também, sobre como deve ser feito. Para mim, isso é também crítico, porque não é só sobre qual é a agenda. Mas como a gente acorda que deve ser feito politicamente? Defendo um caminho que não coloque brasileiros contra brasileiros e que não insista numa luta fratricida que incentive a polarização. A gente tem que construir a

oportunidade de mais sobriedade na política, porque a política é para fazer as pessoas mais felizes e não para tornar a vida insuportável.

### Mas isso atrai o eleitor? Porque, pelo que a gente vê, o eleitor, em muitos casos, tem se mostrado afeto à polarização.

Você pode entrar no debate de forma enfática, defender convicções com firmeza e até ser firme e brigar. Mas firmeza não tem relação com ser desrespeitoso e grosseiro. É mais sobre com firmeza para debater, a partir dos argumentos, as posições dos outros, e não ficar lançando suspeitas sobre as intenções e o caráter alheio. Mostrar que a forma como os outros estão agindo está produzindo efeitos muito negativos para o Brasil. É esse o ponto.

### O senhor falou da agenda de futuro, mas e a desta semana, aqui em Nova York. Quais investimentos deseja levar?

Tem duas frentes. Temos aqui uma semana que reúne bancos, fundos de investimento que circulam por aqui. Além de relação com investidores internacionais, é muito, também, de relação entre os próprios investidores brasileiros que estão circulando por aqui e que se encontram. Então, quem define para onde vão os recursos está, de alguma maneira, nesta semana, aqui em Nova York. Queremos mostrar isso com clareza para que todos tenham a certeza de que aquele estado que eles olharam, um ano atrás, já retomou, sabe para onde está indo e tem um plano coerente, bem estruturado, com uma governança bem definida para garantir essa reconstrução.